



Pela derrota militar de Israel em Gaza!

Defesa incondicional do Irã diante do sionismo e do imperialismo!

Manifesto PPRI - 17 de abril de 2024

O Irã retaliou finalmente Israel pelo bombardeio, em 1º de abril, da sua embaixada em Damasco, na Síria. O ataque de Israel visou a forçar a ruptura do isolamento crescente de Israel pelo genocídio em Gaza, procurando arrastar os Estados Unidos para seu envolvimento direto na defesa do estado genocida sionista. O Irã respondeu duas semanas depois do atentado. Centenas de drones e mísseis, dentre eles mísseis hipersônicos, foram lançados contra Israel. A partir do Líbano, juntou-se ao ataque o Hezbollah, disparando dezenas de foguetes e fogo de artilharia. A partir do Lêmen, os houthis fizeram o mesmo. Horas depois dos primeiros drones chegarem a Israel, o governo iraniano deu por finalizada a operação “A Verdadeira Promessa”, e alertou Israel e os EUA para que não iniciassem ataques de retaliação contra seu país, que seriam respondidos imediatamente, a partir dali.

A retaliação iraniana foi, em grande parte, protocolar. Foi anunciada com dois dias de antecedência, e somente objetivou atingir alvos militares de Israel. O Irã recorreu ao artigo 51 da Carta da ONU, para justificar a ação militar na base do “direito de autodefesa” contra qualquer país, quando é atingida parte de seu território soberano. Lembramos que as embaixadas são consideradas parte dos territórios soberanos dos países

em solo estrangeiro, e estão protegidas pelas leis internacionais.

Viu-se uma ação militar combinada dos EUA, da França, da Inglaterra e da Jordânia, para proteger Israel. Montou-se um fabuloso dispositivo de defesa aérea e de mísseis antiaéreos. Ainda assim, foi alvejada a infraestrutura da base aérea israelense de onde saíram os aviões que alvejaram a embaixada iraniana, e outras instalações. A tática das forças militares iranianas não era outra que saturar as defesas antiaéreas combinadas do imperialismo e do sionismo para abrir passagem aos mísseis hipersônicos que, finalmente, cairiam sobre a base aérea. Nesse estrito sentido, o ataque foi um êxito da indústria militar iraniana, mostrando que o apoio da Rússia ao desenvolvimento de mísseis de última geração permite estabelecer uma “salvaguarda extra” contra qualquer intervencionismo em seus territórios. Note-se que a partir de um ataque realizado de Norte a Sul de Israel, o Irã conhece bem agora a localização e capacidades de defesa antiaérea israelense. Apesar das forças combinadas do sionismo e do imperialismo serem superiores numericamente às do Irã, este mostrou ainda que se vem preparando intensa e ostensivamente para qualquer ameaça. Trata-se de mais um ponto da escalada militar mundial e da mudança da situação que marcou por décadas a correlação de forças militares no Oriente Médio.

Os EUA determinaram que Israel não respondesse com ataques ao território iraniano. Biden exigiu que Netanyahu aguardasse para avaliar como os EUA iriam retaliar o Irã – fala-se em aumento de sanções econômicas ao país. O “direito de defesa” de Israel, como se vê, está condicionado pelos interesses do imperialismo estadunidense, em primeiro lugar. É provável que Israel pretenda atacar alvos iranianos, seja no Irã ou na Síria ou em qualquer outro país. Interessa ao sionismo demonstrar que teve como se defender diante de forças armadas mais sofisticadas e melhor preparadas, com recursos e capacidade técnica qualitativamente superiores às do Hamas e do Hezbollah, e que não se intimidará. Mas, o certo é que os EUA não poderiam, de fato, passar a uma ofensiva contra o regime iraniano, sem se comprometer abertamente em uma guerra que exporia suas grandes dificuldades para travar combates simultâneos na Ucrânia e no Oriente Médio. Seu retrocesso tecnológico militar ficou exposto nas contínuas derrotas da Ucrânia, apesar dos numerosos equipamentos militares e os contingentes de tropas da OTAN, disfarçados de “mercenários”. Ficou assim exposta sua debilidade em lidar com sua própria crise econômica, e a subserviência sionista aos EUA.

A guerra contra os palestinos, no entanto, continuará, porque a ajuda a Israel objetiva manter em

pé seu Estado, que serve de enclave o imperialismo na região. Nesse sentido, a ajuda criminosa da Jordânia em derrubar drones e mísseis iranianos deixou às claras até que ponto as monarquias burguesas árabes estão corrompidas. O que denuncia choques com as massas do país, as que tomaram as ruas em defesa dos palestinos, e exigem que se rompam todas as relações com o sionismo. O governo da Jordânia pagará pelo seu servilismo com os levantes de massas e conflitos sociais em seu país.

Um fato incontestável é que um aspecto antes sólido do direito internacional foi completamente rasgado pelo sionismo, quando desconheceu as resoluções de cessar fogo da ONU, e atacou a embaixada iraniana na Síria. As atuais mudanças na correlação de forças econômicas e sociais mundiais depois do fim da 2ª Guerra Mundial desintegraram as bases que serviam de fundamento para os acordos e organizações que brotaram dela. Mas, serviu de cobertura retórica ao regime iraniano, para responder militarmente à prepotência sionista. Quando exposto às claras, fica exposto o conteúdo dos choques cada vez mais intensos entre as nações oprimidas do Oriente Médio contra o imperialismo e seu laço sionista. Por isso, as massas, em vários países, tomaram o ataque do Irã como uma medida de legítima autodefesa.

Daí que o ataque do Irã foi festejado pelas massas árabes. É importante que se apoiem nele, para ganhar confiança em suas próprias forças, e dar passos objetivos pela derrota militar do imperialismo e do sionismo. A derrota do imperialismo e do sionismo será favorável à luta do proletariado e dos demais oprimidos no mundo todo, pela sua libertação e pelo fim da opressão nacional. Ainda que a maioria dos governos da região negociem diariamente o sangue palestino e das massas e nações árabes oprimidas, em função dos interesses

de suas oligarquias monárquicas corrompidas, são obrigados a recusar qualquer apoio direto ao imperialismo e ao sionismo, porque temem a reação da maioria nacional em seus países. Essas já se colocaram radical e massivamente ao lado dos palestinos. Facilitar ataques do imperialismo ou do sionismo contra o Irã pode levar à insurgência da população contra as monarquias árabes.

Essa é a mudança essencial na situação política que reflete a nova fase da luta de classes, marcada pelo apoio das massas mundiais à Palestina e pelo crescente sentimento de vingança dos explorados contra o sionismo e o imperialismo. O que se vem processando em meio à desintegração dos acordos diplomáticos e das relações políticas entre os estados erguidos desde a Segunda Guerra Mundial. O que, sem dúvida, cria uma situação explosiva em face do desenvolvimento da luta das massas e seus choques contra os governos. O fato dos países árabes, aliados dos EUA, se negarem a permitir que as bases norte-americanas sejam utilizadas contra objetivos iranianos procura evitar a revolta em seus países. O mesmo objetivo está por trás da decisão dos EUA de “aguardar” antes de realizar um ataque junto ao sionismo contra o Irã.

Estão colocadas as bases para que se erga e se retome a luta anti-imperialista, a partir da luta dos explorados e oprimidos do mundo todo contra o genocídio, sob a direção política do proletariado. Irã, Hezbollah, Hamas, Jihad Islâmica e os houthis, assim como as numerosas milícias islâmicas que enfrentam o imperialismo e o sionismo no Iraque e na Síria expressam a revolta das nações e dos povos oprimidos, contra a brutal opressão nacional e o genocídio sobre as massas palestinas-árabes. É por isso que os explorados e oprimidos do mundo todo, que se levantam massiva e incondicionalmente ao lado do povo palestino, têm a tarefa de elevar a sua mo-

bilização, levantando a bandeira da derrota militar e expulsão do imperialismo, sem se subordinar à política e programa das organizações nacionalistas árabes. Não é possível à burguesia e pequeno-burguesia nacionalista islâmica desenvolverem a luta anti-imperialista, por seu caráter de classe e seus interesses particulares. A derrota, expropriação e expulsão do imperialismo dependem de juntar as grandes mobilizações ao programa e política do proletariado como classe independente. Entretanto, não há, ou não comparece, sua direção revolucionária. Mas, se poderá dar um passo nesse caminho, caso se rompa com a paralisia de suas direções políticas, e se combata os governos com os métodos da luta de classes, e lhes imponha a imediata ruptura de todos os acordos com Israel. O cessar fogo definitivo, e a derrota militar do sionismo e expulsão do imperialismo pode avançar, se o proletariado toma em suas mãos a tarefa de bloquear portos e aeroportos, deflagrar greves e ocupações de fábricas militares, paralisando completamente o envio de munições e armas que sirvam ao genocídio em Gaza ou para atacar o Irã. O estrangulamento das capacidades sionistas será um passo objetivo e concreto que permitirá à classe operária derrotar o imperialismo, e facilitará que sua vanguarda com consciência de classe construa seus partidos revolucionários e derrote suas burguesias.

É dever dos explorados e oprimidos do mundo todo estar ao lado do Irã diante do imperialismo e do sionismo! Defender incondicionalmente o legítimo direito dos povos e das nações oprimidas à autodefesa! Pela derrota militar total do sionismo e a expulsão do imperialismo de todo Oriente Médio!